

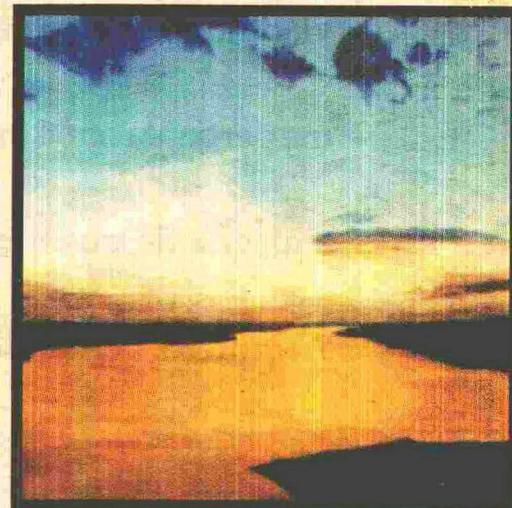
Toninho Horta e
Fernando Brandt

A cidade acalmou
Logo depois das
dezembro
Nas janelas a fria luz
Da televisão divertindo
as famílias
Saio pela noite andando
nas ruas
Lá vou eu pelo ar
Asas de avião
Me esquecendo da
solidão
Na cidade grande,
No mundo dos homens

Num vôo maluco que eu
vou inventando
E vôo até nascer
O mato, o sol da manhã
As folhas, os rios, o azul
Beleza bonita de ver
Nada existe
Como o azul sem
manchas
Do céu do Planalto
Central
E o horizonte imenso,
aberto
Sugerindo mil direções
E eu nem quero saber
Se foi bebedeira louca
ou lucidez.

EM BRASÍLIA, O SOL FEZ PACTO COM O CÉU MAIS SAUDADO DO PAÍS

Magia celeste



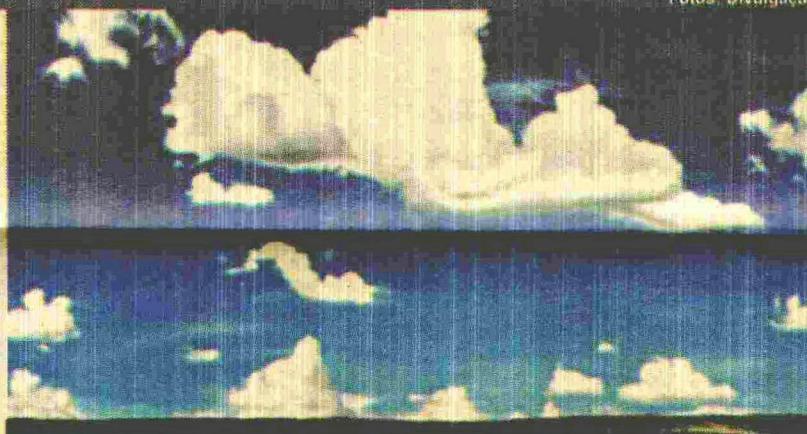
Waleska Barbosa

cidade surgiu de planos e sonhos. Foi feita, em princípio, não de cimento e tijolos. Mas de lápis e papel. Planos e sonhos. Mas surgiu. Como símbolo de uma arquitetura moderna. Logo, ergueram-se ali, no Planalto Central, prédios. Arroçados. Linhas sinuosas preenchidas com cimento e tijolos, ferro e vidros.

Mas ali mesmo, onde o homem fez surgir Brasília, a natureza travou embate. Jurou que não se deixaria sublimar. Jurou que se faria lembrar mesmo quando aquela cidade fizesse parte do Patrimônio da Humanidade. Mesmo quando aqueles prédios se tornassem marca de um lugar que surgiu para abrigar o poder e, como tal, ser poderoso.

O sol fez pacto com o céu. O céu firmou o pacto com o sol. Juntos, passaram a ser a dupla mais poderosa por essas paragens. Abarcam tudo e todos. Estão acima de tudo e todos. E, se desafiados, ofuscam. Estão lá – é certo. Mas encerram magia. Não podem ser mirados por olhares fixos e asfixiantes. Mostram-se como etéreos. Brilham. Brilham tanto que exigem cuidados especiais – óculos escuros, filtro solar.

Não poderiam ser tão benevolentes. Deixam-se admirar.



Pinturas de Juliana Limeira, em cartaz no mezanino da Sala Villa-Lobos

Mas que os admiradores tenham cuidados. E satisfaçam os mimos da dupla. A mais famosa da capital. Mais do que o Congresso Nacional, mais do que o Palácio do Planalto,

mais do que a Esplanada dos Ministérios, mais do que isso ou aquilo.

Juntos – céu e sol – passaram a Jexercitar o narcisismo. A encantar – com magia nem branca nem

negra, mas azul – os desavisados. Querem receber provas do amor estonteante que provocam. Afinal, das famas de Brasília (nem todas alvis-sareiras), eles são indubitavelmente, a melhor, a mais promissora, a sempre positiva. A redenção.

Com aquela magia azul de que falávamos exigiram, tacitamente, provas de amor. E não é que as receberam? Podem até vir de qualquer cidadão. Uma frase solta no meio de uma conversa de final de tarde: “Que céu maravilhoso!”, diz um. “O mais bonito do Brasil!”, afirma outro, exibindo provas científicas.

Mas a distinção tinha que ser maior, vir de mais alto. Condecorações. Frases de efeito. Aplausos. Declarações de amor. E, subitamente, todos quiseram demonstrar seu apreço. Céu e sol, sol e céu receberam. Canções, reverência de presidentes da república, poesia, exposições, fotografias, pontinhas em fitas de cinema. Todas as artes se renderam. Da primeira à sétima. Sem que nenhuma tenha se furtado a reconhecer: são magnânimos.

No princípio eram os planos e nos sonhos. Depois vieram cimento e tijolos. E as linhas sinuosas foram preenchidas. Mas se alguém esquecer haverá represália: ainda mais no princípio havia o céu e o sol, o sol e o céu. De Brasília.

Fotos: Divulgação